

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XVI nº 126, setembro/outubro — 2024



N' O ATENEU, A "MISSA DO GALO" DE SÉRGIO E EMA

Edmílson Caminha

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do *Ateneu*. Coragem para a luta.” Assim tem início a história de Sérgio contada por Raul Pompeia, abertura que se põe entre as melhores do romance brasileiro. Obra-prima publicada em 1888, na juventude dos 25 anos, por um escritor que se mataria em 1895, como lembra o memorialista Antonio Carlos Villaça: “Morreria com 32 anos, mergulhado nas águas do desespero. Era o dia de Natal. Brigara com Luís Murat. E fora demitido da direção da Biblioteca Nacional. Estava entregue à angústia.” Ao empossar-se na cadeira da Academia Brasileira de Letras que tem Pompeia como patrono, o crítico Afrânio Coutinho ressalta que, para o historiador Capistrano de Abreu, era o romancista o único dos seus contemporâneos que lhe dava a impressão de gênio.

Não por se passar em uma escola perence *O Ateneu* à chamada “literatura infantojuvenil”, destinada a alunos do ensino fundamental e do ensino médio. Domingo Gonzalez Cruz o adaptou livremente, com boa mão, para o “público jovem”, mas o livro é para adultos, tal a riqueza humana e o refinamento literário desse autêntico romance de formação, o *Bildungsroman* dos alemães. Um romance impressionista, no conceito de Afrânio Coutinho:

A sua “crônica de saudades” [subtítulo que lhe deu o autor] obedece à técnica da recuperação do passado, que seria usada pelo impressionista Proust em busca do tempo perdido e como um recurso para encontrar a essência da personalidade. A análise interior e a introspecção condizem nele com a preocupação da escola quanto ao aspecto

psicológico. A “escrita artista” veicula a sua obsessão da cor, a que subordina até a solução das metáforas e da sintaxe. Era um visual, atraído pelos gestos, ritmo, movimento, e pelas diferenças de matizes corados, e inclusive na caracterização dos personagens, graças à técnica da caricatura, em que se mostrou exímio.

Aos onze anos, a chegada de Sérgio ao internato do *Ateneu* representava para meninos como ele, nas últimas décadas do século XIX, um marco divisor: passava-se da proteção dos pais, do aconchego da família para a convivência com estranhos, em um microcosmos onde se revelavam todos os sentimentos humanos, que iam da solidariedade fraterna a interesses escusos, da elevação espiritual à fraqueza de caráter. A exercer domínio absoluto sobre estudantes e professores, o Dr. Aristarco Argolo de Ramos, que há trinta anos, no Rio de Janeiro, fundara o colégio para vê-lo transformar-se em escola-modelo, a cujos eventos esportivos e culturais compareciam ninguém menos do que a Princesa Isabel e o marido, Conde d’Eu.

Um dos grandes personagens da literatura brasileira, Aristarco é magistralmente definido por Pompeia: tem “a obsessão da própria estátua”, e, ante as dezenas de retratos com que aprendizes o bajulam, vê-se “aplaudido em chusma por alter-egos, glorificado por uma multidão de si-mesmos”. Com talento para a propaganda, faz chegar às mais remotas províncias do Brasil publicações do seu colégio, o que lhe garante boa parte dos 300 alunos a quem sonha oferecer um ensino moderno, sem punições e sem castigos corporais. Trata-os, não obstante, segundo as notas do livro-caixa: com atenção e delicadeza os que pagam em dia, com má vontade manifesta os inadimplentes... Era, “distendido em grandeza épica, o *homem-sanduíche* da educação nacional, lardeado entre dois monstruosos cartazes. Às costas, o seu passado incalculável de trabalhos; sobre o ventre, para a frente, o seu futuro: a *réclame* dos imortais projetos”.

Retratista com mão de mestre (foi ele próprio, não por acaso, o primeiro ilustrador do romance), Pompeia compõe admiravelmente, como se as desenhasse, as figuras dos companheiros de Sérgio:

Continuação na página 4

OS DOIS ÚLTIMOS LIVROS DE POEMAS DE RONALDO CAGIANO

Wilson Pereira

► PÁGINA 6

A CHUVA

Sandra Maria

Para quem não conhece essa palavra, alpendre, explico que é uma espécie de varanda situada na fachada das residências de antigamente. Naquele tempo não se usava fazer muro alto nas frentes das casas. Havia, sempre, um jardim, com grade baixa e um portãozinho perto da calçada da rua, para compor o visual. A minha casa era térrea, mas ficava no alto, acima do nível da rua. Para se chegar ao alpendre era necessário subir uma escada externa. Um lugar fresquinho e ventilado, mobiliado com uma mesinha com vidro em cima e quatro poltronas de ferro em desenho colonial, pintadas de branco, com almofadas verdes, onde a gente se sentava para conversar, namorar, receber visitas.

O alpendre da minha casa era uma vitrine; como em todas as outras casas, as pessoas passavam e nos viam. Nós não sentávamos ali e acompanhávamos as pessoas indo e vindo nas calçadas das casas e no Jardim do centro da rua dupla, os carros (poucos) passando, os cachorros vagando, o leiteiro na carroça, o bananeiro de bicicleta, a chuva caindo...

Foi justamente em um dia de chuva que aconteceu.

Estávamos sentados lá, conversando, meu irmão e eu, na nossa melhor roupa de domingo, esperando a chuva passar para sairmos (a gente ia a pé a quase todos os lugares no centro da cidade). Carro? Meu pai não tinha. Nem sabia dirigir ainda. A chuva caía, não passava ninguém. Bem monótono. De repente, parou um carro. Um fato importante. Só que ninguém descia. Fato esquisito. Curiosidade, espiamos. De repente, o motorista toma uma decisão. Move-se para o ban-

co do passageiro, abre o vidro e mostra um envelope. Sacode o envelope e faz sinal para a gente ir lá buscá-lo. E a chuva caindo. Meu irmão considera a situação. Também toma uma decisão: faz sinal para o cidadão entrar, o cidadão responde que não e insiste, com gestos, para ir lá pegar o envelope. Eu me levanto para buscar um guarda-chuva, mas meu irmão também se levanta. Enquanto ele ia se dirigia até a beirada do alpendre, considerei se ele estava certo em ser gentil (o envelope poderia ser do interesse dos nossos pais) ou se ele se arriscaria a ir lá na rua sem guarda-chuva e molhar a roupa nova (aí, teria que trocá-la para irmos ao cinema). Ele chegou perto da fileira da água caindo das telhas, no primeiro degrau da escadaria que descia até a rua, e parou. Colocou a mão em um ouvido e fez um gesto que não estava entendendo.

“O quê?”

O cidadão, então, gritou, ou melhor, já meio irritado, ordenou, pois ninguém ouviu “por favor”:

“Pegue este envelope aqui!”

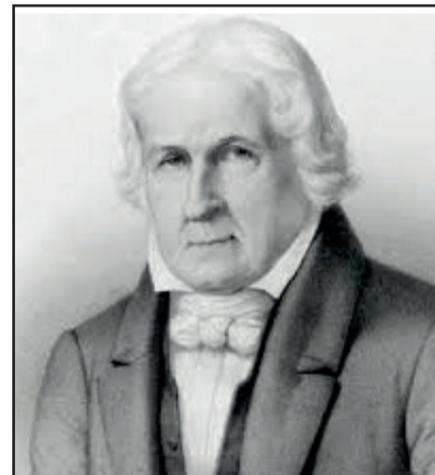
Meu irmão, recauchutando sua voz de adolescente, achou o tom certo e a frequência exata, e reverberou:

“A distância daqui até aí é a mesma daí até aqui!”

O sujeito fechou o vidro, voltou para o assento do motorista, ligou o carro e saiu (seco) na chuva.

O envelope? Trouxeram depois. Eram uns papéis de um inventário que meu pai, advogado, estava fazendo de graça (como era costume dele).

Soneto do Mês



SONETO

José Bonifácio

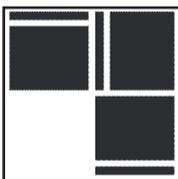
Adeus, fica-te em paz, Alcina amada,
ah! sem mim sê feliz, vive ditosa;
que contra meus prazeres, invejosa,
a fortuna cruel se mostra irada.

Tão cedo não verei a delicada,
a linda face de jasmims e rosa,
o branco peito, a boca graciosa
onde os amores têm gentil morada.

Pode, meu bem, o fado impiamente,
pode negar de te gozar a dita,
pode de tua vista ter-me ausente;

mas apesar da mísera desdita
de tão cruel partida, eternamente
nesta minha alma viverás escrita.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
Vice-Presidente: Roberto Rosas
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria
Diretor de Edição e Divulgação: Anderson Olivieri

Conselho: Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho,
Edmilson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes,
Kori Bolívia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 126 – setembro / outubro 2024

Editor

Anderson Olivieri
(Reg. FENAJ nº 2887)

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Sônia Helena,
Anderson Olivieri e
Fabio de Sousa Coutinho

Revisão

Napoleão Valadares

Programação Visual

Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

VALE DAS AMEIXAS (OU O TRIUNFO DA LINGUAGEM)

Ronaldo Cagiano

Autor de mais de uma dezena de livros e prêmios em sua trajetória literária, entre eles o “Nestlé de Literatura 1988” com o originalíssimo romance “Mil corações solitários” (Ed. Scipione, SP), o jornalista, professor, crítico e ensaísta Hugo Almeida, mineiro de Nanuque radicado em São Paulo, acaba de lançar o arrebatador *Vale das ameixas* (Sinete Editora, SP, 2024), obra que, pelo viés heterogêneo, transcende categorias e gêneros literários, pois inscreve-se como narrativa multifacética, polifônica e polissêmica, na esteira de um processo que carrega múltiplas ambiências.

Narradores, personagens e autor formam um caudaloso caleidoscópio temático-formal em que, para além de um enredo heterodoxo, os planos verbal e sensorial captam os múltiplos aspectos de uma história que se plasma na memória, no fluxo de consciência, nas abordagens críticas e na inflexão filosófica, tendo como amálgamas o humor e a ironia, e às vezes a causticidade, como anteparos da tensão e da densidade com que o rio das ocorrências, cenários, associações, lembranças e evocações vão deslindando a trama.

Seus protagonistas, o melancólico e nostálgico professor Harley Thymozwski, o Timo, um exilado territorial e geográfico, fugitivo de guerra; e sua empregada Benedita, figura emblemática, uma espécie de antena cuja interlocução dá sentido primordial à humanidade dos sentimentos e das idas e vindas das recordações e confissões, norteiam *Vale das ameixas*, num espectro circular em que forma e conteúdo harmonizam um inegável *pot-pourri* de profundos questionamentos sobre a vida e o lugar da própria arte e da literatura em tempos sombrios.

No decurso da leitura, essa escrita demiúrgica, pungente, intertextual e metalinguística de Hugo Almeida não apenas cuida, em clave fragmentária, das relações dos protagonistas com o presente e o passado e de suas observações críticas e pulsões questiona-

doras, mas atravessa-lhe uma consciência estética escrutinadora. Na relação do autor com o vasto mundo da linguagem e seus signos, nada escapa ao seu radar semiótico, numa visão ampliada que flerta com obras e dialoga com diversos autores, percorrendo vertentes socioculturais, que vão da literatura ao cinema, da música ao teatro, da fotografia às artes plásticas, da ciência à política, da religião à epistolografia. É, sobretudo um livro para resgatar o que é essencial e necessário numa obra literária, algo tão baldo nas produções ficcionais contemporâneas, povoados de mais (ou será de menos?) do mesmo, quando o fetichizado mercado editorial, mais preocupado com contextos e não com textos; com militâncias e bandeiras, em prejuízo da linguagem, elegeu suas temáticas e vai erguendo um cânone cevado no identitarismo, em que a qualidade e o talento do escritor são irrelevantes, pois o que prevalece são a boca-de-urna nas redes sociais, os likes e indicações de influencers e youtubers e assento nas passarelas das festas e feiras literárias, esse açougue povoado de celebridades mais que de autores genuínos.

Vale das ameixas é um oásis em meio ao deserto de publicações incensadas pela mídia e ao lixo literário nacional e estrangeiro sacralizados por grande parte de uma crítica seduzida, rendida e vendida aos modismos e rotulações que tanto menoscabam a literatura em nosso país. Uma obra que coloca o autor na mesma dimensão criadora de um Osman Lins, de um Cortázar, de um Samuel Rawet, de um Ricardo Guilherme Dicke, de um Robert Musil, de um John dos Passos ou um Dyonélio Machado, autores que tiveram a honestidade, sem fazer concessões, de escrever verdadeiramente, indo fundo na realidade existencial, psicológica, política, social e metafísica, aos céus e aos infernos, doa o que (e a quem) doer, percorrendo os labirintos da própria condição humana.

Nesse particular *Vale das ameixas* dirige-se ao leitor numa perspectiva transformadora, pois o torna cúmplice de suas

digressões, não nos deixa indiferentes após sua leitura, identificando-se com o que disse Isabel Allende em seu texto ‘*Vida interminável*’: “Há histórias de toda espécie. Algumas nascem ao ser contadas, a sua substância é a linguagem e antes que alguém as ponha em palavras são apenas uma emoção, um capricho da mente, uma imagem ou uma reminiscência amigável. Outras chegam completas, como maçãs, e podem repetir-se até ao infinito sem risco de alterar o seu sentido. Existem umas que são tomadas pela realidade e processadas pela inspiração, enquanto outras nascem de um instante de inspiração e se transformam em realidade ao ser contadas. E há histórias secretas que permanecem ocultas nas sombras da memória, são como organismos vivos, nascem-lhes raízes, tentáculos, enchem-se de aderências e parasitas e com o tempo transformam-se em matéria de pesadelos. Por vezes, para exorcizar os demônios de uma recordação é necessário contá-las como um conto.”

Tomando emprestado de W. J. Solha a impressão epifânica causada por *Vale das ameixas*, posso dizer que nessa obra, além dos personagens que a emulam, há um protagonista incorpóreo e fascinante – a linguagem –, também, “me fez sentir é que estamos exatamente ante uma busca holística da narrativa”. Sem dúvida, quando no futuro se atualizar a história da bibliografia nacional, *Vale das ameixas* estará entre suas obras basilares.

Excerto:

“Gosto de quando dona Benedita se cala por um tempo, mas a tagarelice dela não é vazia nem tão incômoda, sei que é precisão de se ligar ao próximo, nada tem de doença, ao contrário do que Plutarco condena. Calate, meu filho, o silêncio tem muitas belezas. Eurípedes fez coro, a boca conduz à desgraça. Ninguém foge da dona Benedita porque ela fala muito. Ela sabe ouvir, o que o doente tagarela não sabe. Não é uma falastrona. Não, não é.”

N' O ATENEU, A "MISSA DO GALO" DE SÉRGIO E EMA

Continuação da página 1

O Gualtério, miúdo, redondo de costas, cabelos revoltos, motilidade brusca e caretas de símio – palhaço dos outros, como dizia o professor; o Nascimento, o *bicanca*, alongado por um modelo geral de pelicano, nariz esbelto, curvo e largo como uma foice; o Negrão, de ventas acesas, lábios inquietos, fisionomia agreste de cabra, canhoto e anguloso, incapaz de ficar sentado três minutos (...); Batista Carlos, raça de bugre, válido, de má cara, coçando-se muito, como se o incomodasse a roupa do corpo (...). O resto, uma cambadinha indistinta, atormentados nos últimos bancos, confundidos na sombra preguiçosa do fundo da sala.

Nessa composição de retratos, símiles, metáforas e atributos com a leveza do bom humor: Nearco é “magro como uma preleção de osteologia”, “sério como um bispo”; no pescoço de Aristarco, uma fita de dignitário “que o enforcava de nobreza”; o *menu* permanente da escola, “inviolável como a letra das Constituições”; o dormitório, um “museu de sono”, e o fagote da banda, “único aparelho capaz de produzir artificialmente a fanhosidade colérica das sogras”.

A percorrer toda a história, como um rio subterrâneo, a pulsão da libido, a força do desejo, o latejar do sexo, prova de que não é *O Ateneu*, realmente, livro para crianças. Logo nos primeiros dias de aula, Sérgio ouve a sugestão do veterano Rebelo:

Faça-se forte aqui; faça-se homem. Os fracos perdem-se. Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. (...) Os gênios aqui fazem dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores.

Entre os colegas do protagonista-narrador, “em meio à efeminação mórbida das escolas”, o Almeidinha, com seu “rosto de menina”, e Cândido, “com aqueles modos de mulher”. Ele próprio chega a aceitar relações homoafetivas de adolescentes que um dia serão homens:

A amizade de Bento Alves por mim, e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de aba-

timento que tanto indignava ao Rebelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. (...) No movimento geral da existência do internato, desvela-se caprichosamente; sabia ser, de modo inexprimível, fraternal, paternal, quase digo amante, tanta era a minudência dos seus cuidados. (...) Confusamente ocorria-me a lembrança do meu papelzinho de namorada faz-de-conta, e eu levava a seriedade cênica ao ponto de galanteá-lo, ocupando-me com o laço da gravata dele, com a mecha de cabelo que lhe fazia cócega aos olhos; soprava-lhe ao ouvido segredos indistintos para vê-lo rir (...).

Esposa de Aristarco, Ema faz-se perceber pelo menino Sérgio:

Bela mulher em plena prosperidade dos trinta anos de Balzac, formas alongadas por graciosa magreza, erigindo, porém, o tronco sobre quadris amplos, fortes como a maternidade; olhos negros, pupilas retintas, de uma cor só, que pareciam encher o talho folgado das pálpebras; de um moreno rosa que algumas formosuras possuem, e que seria também a cor do jambo, se jambo fosse rigorosamente o fruto proibido. Adiantava-se por movimentos oscilados, cadência de minueto harmonioso e mole que o corpo alternava. Vestia cetim preto justo sobre as formas, reluzente como pano molhado; e o cetim vivia com ousada transparência a vida oculta da carne. Esta aparição maravilhou-me.

Parece personagem de Machado de Assis, recatada e tentadora a um só tempo. Internado na enfermaria do colégio, a senhora o visita com desvelo que certamente não mereceriam outros alunos. Tudo de acordo com o que manda a boa literatura erótica, em que mais vale insinuar do que dizer, sugerir do que mostrar:

A primeira vez que me levantei, trêmulo da fraqueza, Ema amparou-me até a janela. (...) Sustinha-me em leve enlace, tocava-me com o quadril em descanso. (...) O meu passado eram as lembranças do dia anterior, um especial afago de Ema, uma atitude sedutora que se me firmava na memória como um painel presente, as duas covinhas que eu beijava, que ela deixava dos cotovelos no colchão premido, ao partir, depois da última visita à noite, em que ficava como a esperar que eu dormisse, apoiando o rosto nas mãos, os braços na cama, impondo-me a letargia magnéti-

ca do vasto olhar.

Lembra a “Missa do Galo”, conto antológico de Machado, com o jogo de insinuações e disfarces entre o jovem Nogueira e a atraente Conceição. Em uma história como na outra, a simbólica presença dos braços de mulher, quando desnudá-los, sobretudo a sós com um homem, era ousadia cheia de intenções.

Tudo acabaria, no dizer de Pompeia, bruscamente, como chegam ao fim os maus romances:

Um grito súbito fez-me estremecer no leito: fogo! fogo! Abri violentamente a janela: O *Ateneu* ardia. (...) De vários pontos do telhado, semelhando colunas torcidas, espiralavam grossas erupções de fumo; às janelas superiores o fumo irrompia também por braços imensos (...). Tratadas a fogo, as vidraças estalavam. Distinguia-se na tempestade de rumores o barulho cristalino dos vidros na pedra das sacadas, como brindes perdidos da saturnal da devastação.

Sobre as causas do incêndio, as especulações iam de que o ateara um aluno rebelde à suspeita de que o próprio Aristarco, sob a cobrança de credores, cometera o crime para receber o seguro. Como em um rito de purificação, transformou-se em cinzas o *Ateneu*, símbolo da educação brasileira no século XIX também prestes a desaparecer. Em meio aos escombros, a tentação de Ema, por culpa de quem Sérgio perdeu a sua “Missa do Galo”...

Sobre macacos, leões e zoo

Ronaldo Costa Fernandes

Escrevi mais de uma vez sobre o zoológico da alma. Tenho muitos bichos em mim. Por isso me impressiono com os bichos engradados na floresta domada do zoo. O que mais temo é a leonina falta de cordura que rasga a carne da certeza. Depois vêm os símios que imitam o homem que não sou. Entre eles estão os répteis da dúvida que rastejam a infidelidade da minha prudência. Acolho também os anfíbios embora não saiba se submersa está a vida ou morte.

KAFKA E O CICLO DA BORBOLETA

Gilmar Duarte Rocha

Neste ano de 2024, registra-se e celebra-se o centenário de morte do escritor tcheco Franz Kafka, falecido em 3 de junho de 1924, com apenas 40 anos de idade, na cidade de Klosterneuburg, Áustria.

Kafka é uma daquelas pessoas enigmáticas, que parece veio ao mundo de passagem, apenas cumprir um rito ou uma tarefa, inacabados, à primeira vista. À primeira vista.

Nascido em 3 de julho de 1893, em Praga, província da Boêmia, então parte do império austro-húngaro, filho de uma família judaica relativamente bem estabelecida economicamente, o jovem Franz cresceu estudando em boas escolas e falando alemão, como era praxe entre os letrados e os burgueses das cidades que hoje fazem parte da atual República Tcheca.

Cresceu esboçando certa timidez e ensimismamento e tinha o comportamento arreio, com dificuldades de relacionamento com as pessoas que o rodeavam. Excetuando a sua irmã mais jovem Ottilia, com quem mantinha estreita amizade e que lhe era uma espécie de confidente, Kafka meio que se isolava das outras pessoas da família e vivia às turras com o pai, um próspero comerciante judeu de caráter egoísta e arrogante (segundo o biógrafo de Kafka, Stanley Korngold), que queria a todo custo ditar os rumos e o futuro do filho.

Franz, que estudou nas melhores escolas de Praga, onde predominava o alemão, ingressou na universidade no curso de Química, trocando um pouco depois pelo Direito, mais para atender os desígnios do pai do que por interesse próprio. Na universidade, conhece Max Brod, com quem viria a formar uma longa amizade, sendo Max a primeira (e talvez única) pessoa que entende de imediato a profundidade e o talento do jovem estudante tcheco.

Kafka não seguiu a carreira de jurista: preferiu trabalhar em empresas de seguros, cultivando uma vida de burocrata, numa espécie de relação de amor e ódio com a profissão, onde apesar dos percalços e das atividades escriturárias, tinha a oportunidade de redigir relatórios e escrever cartas, aliás redigir correspondências era um de seus hobbies preferidos, principalmente para as pessoas que lhe eram muito caras, como Felice Bauer (uma parente de Max Brod), talvez a única mulher

com quem manteve um relacionamento mais duradouro, pois o candidato a escritor, dentre suas excentricidades, não conseguia firmar compromisso amoroso por muito tempo, sempre trocando de parceiras e frequentando bordéis amiúde.

Kafka lia muito e tinha preferência pelas produções de Flaubert, Goethe, Dostoiévski e alguns escritores que escreviam em tcheco. Debutou na arte de escrever ficção redigindo contos e pequenas novelas para revistas literárias, chegando a publicar na primavera de 1915 o que futuramente se tornaria um dos seus maiores clássicos, a novela *Metamorfose*, que passaria despercebida pela mídia de então. Coincidentemente, a partir do período onde se travaria as longas batalhas do que se chamaria Primeira Grande Guerra Mundial, Kafka começa a pensar alto e a traçar muitos projetos literários, que constituiriam os chamados “anos decisivos”, termo cunhado por um dos seus principais estudiosos, Reiner Stach, autor do best-seller *Kafka: os anos decisivos* (Editora Todavia, 2022).

Aí é que entra na história o que chamo de “ciclo da borboleta”, onde se pode equiparar a existência terrena de Kafka com a trajetória efêmera dos insetos da ordem dos lepidópteros, que consiste em quatro fases: ovo, larva (lagarta), pupa (crisálida) e borboleta adulta (imago). O escritor tcheco vem ao mundo como todos os outros grandes escritores (ovo; rebento); passa a infância e adolescência rastejando, pleno de dúvidas e questões quanto

ao futuro (pupa); entra numa fase nebulosa onde imerge de cabeça na literatura e rumina tudo dentro da sua imaginação, elaborando composições literárias de vanguarda, que beiram a disruptividade; e, diferentemente dos outros escritores geniais, não tem tempo de desabrochar para o público em toda a sua plenitude, pois a morte crava-lhe a foice (de tuberculose na laringe) quando ainda estava em idade produtiva, numa fase de vida bastante auspiciosa para a maioria dos literatos.

Com a iminência da morte, Franz Kafka, que tinha uma autocrítica exacerbada, passou a subestimar e até a rebaixar todo material que produziu, tanto os livros publicados quanto os escritos inéditos. Chegou a ponto de autorizar o próprio Max Brod a queimar toda a sua obra após a sua morte. Aconteceu que Max Brod tinha muito juízo e senso de responsabilidade e não atendeu o desejo do amigo. Não só não atendeu, como também revelou ao mundo material que o próprio Kafka julgava como perdido.

Enfim, se dependesse do desejo de Kafka, obras viscerais como *O processo*, *O Castelo*, *Na colônia penal*, dentre outras, jamais existiriam. São livros de qualidade, de conteúdo, criativos, que enriquecem a literatura alemã e que influenciaram uma gama de escritores que vieram depois de Kafka, como Albert Camus, Sartre, García Márquez, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Moacyr Scliar.

COLONIZAÇÕES

Paulo Madeira

Dominações de nações mais armadas sobre as sem autodefesas eficazes. Espoliações, escravizações, etc. sob as bençãos (e auxílios estratégicos) de religiosos para tentar suprimir-lhes as crenças autóctones, costumes e culturas locais e impingirem no lugar a cristianização forçada.

Que ironia! Claro que os povos colonizados gostariam de ter podido fazer com os cristianizadores-exploradores o que Jesus também gostaria de ter podido fazer com os romanos, se, em vez de seus fantasiosos meios

milagrosos, tivesse tido meios materiais bélicos concretos, realistas.

Mas, contra força bélica superior, claro que não vingam nem milagres, nem argumentos éticos, nem jurídicos, nem teológicos e SIM os egoísmos da nada santa "natureza humana", mesmo de disfarçados de religiosos pregando AMOR e RESPEITO também aos não-próximos, alegando que seriam bondosíssimos abnegados querendo salvar suas inocentes almas para a eternidade. Ah, as religiões...

OS DOIS ÚLTIMOS LIVROS DE POEMAS DE RONALDO CAGIANO

Wilson Pereira

O escritor Ronaldo Cagiano vem construindo, com muita persistência e regularidade, uma obra literária de reconhecido valor, tanto no Brasil como em Portugal, país este onde está vivendo há alguns anos. Poeta, contista, cronista e crítico literário, o autor conquistou alguns prêmios importantes, entre os quais Prêmio Brasília de Literatura 2001, com o livro de contos *Dezembro Indigesto*; finalista do Prêmio Portugal Telecom 2012, com o livro de poemas *O Sol nas Feridas*; e o 3º lugar no Prêmio Jabuti, com o livro de contos *Eles não moram mais aqui*. Como crítico literário, tem publicado constantemente resenhas em diversos jornais e revistas brasileiros. Já teve artigos e resenhas publicados até mesmo em jornais de grande circulação nacional, como *A Folha de São Paulo* e o *Correio Braziliense*. Em terras lusitanas, ele angariou uma rede de contatos e amizades literárias bastante significativa, como se pode depreender das muitas epígrafes, citações e referências a poetas e escritores, em geral, da atualidade. Vem ele, também, participando de importantes eventos literários realizados naquele país.

Como poeta, Ronaldo vem se consagrando como autor dotado de talento criativo refinado. Seus dois últimos livros, que acabo de ler, *Cartografia do Abismo* (2ª edição, Laranja Original, São Paulo, 2024) e *Arsenal de Vertigens* (Edições Humus, Vila Nova de Famalicão, 2022) vêm confirmar sua profícua e bem-sucedida produção poética. Seguem esses dois últimos livros uma linha temática adotada pelo autor desde seu primeiro livro de poemas *Palavra Acesa*, cuja tônica predominante é a denúncia, o teor crítico indignado contra as mediocridades e as injustiças que assolam estes nossos tempos atormentados pela ausência de valores éticos e pela banalidade das atitudes humanas, tão comuns na sociedade, de modo geral. Assim, o poeta não poupa os políticos sem decoro, os pastores gananciosos, os pregadores hipócritas, as artimanhas e falcatruas de toda espécie perpetradas para enganar, ludibriar e explorar os outros, e lucrar, de alguma forma, com o dano de ingênuos e indefesos.

Mas, apesar dessa forma rebelde de retratar os fatos e situações, sua linguagem se pauta pelo bom senso, com uma dose bem administrada dos dardos e farpas que carrega sua expressão poética. Não se trata, portanto, de proselitismo nem de arroubos ideológicos. Nem se vale o poeta de impropérios ou expressões grosseiras, mesmo quando aponta déspotas ou tiranos, como ocorre em alguns textos. Antes, trata-se de postura filosófico-literária, fundada em princípios fundamentais de um humanismo consciente de seu dever de cidadão do mundo, identificado com o bem, em que o autor acredita. É certo que toda essa expressão crítica dos sórdidos problemas da atualidade, como, por exemplo, a devastação impiedosa da natureza, com o desmatamento de florestas e do cerrado, a poluição de rios, entre tantas outras formas de impingir maldades à nossa época, se alinha com a ideologia política da esquerda, mas o autor não veste a capa de nenhum partido político. Ele expressa, por si, como poeta observador da realidade, a sua dor de ver o mundo sendo assim tão judiado. E essa postura se estampa de maneira explícita e incisiva no poema “Anotações”, p.117 do livro *Cartografia do abismo*:

“Para suportar tanta realidade/ eu me embebedo de inquietações// Essa noite com a fome das insônias/ atinge-me como um relâmpago/ para que não me apague”.

O poema “Não sei por que escrevo” (p. 43 do livro *Arsenal de vertigens*) é uma espécie de profissão de fé do poeta. Depois de inculpar “os entulhos da ditadura”, “quem matou George Floyd”, “o Cel. Brillhante Ustra” (conhecido torturador do regime ditatorial brasileiro, que se iniciou em 1964 e durou por volta de 20 anos); “o sargento que fuzilou Garcia Lorca”, depois de voltar sua pena afiada contra esses déspotas e suas maldades, conclui assim o poema:

“Escrevo (apesar do solo das serpentes & o punhal das dúvidas)/ contra o que/ já não me alimenta/ ou o que ainda me apavora.// Só entendo o escrever/ como energia que conduz a subversão”.

Em longo e bem fundamentado prefácio elaborado para o livro *Arsenal de Verti-*

gens, o escritor português Adalberto Alves assim se manifesta: “Sem exceções, R.C. opta estética e estilisticamente pelo cânone mais comum da modernidade (...). Refiro-me ao verso branco e livre, particularmente ajustado à expressão das temáticas mais comuns de R.C.: o diagnóstico social, a inquietação angustiada perante o curso da História, o jorro do seu coração, magoado e indignado em face dos rumos da contemporaneidade e o seu inconformado desconforto ontológico com as atribuições da condição humana”.

É por demais sabido que a função primordial da arte é a lúdica, que visa entreter e comover o receptor pela elaboração estética de sua matéria. No caso da literatura, especialmente, da poesia, a função lúdica se realiza pela construção de uma linguagem conotativa, que deve remeter à possibilidade de interpretações subjetivas, com múltiplos significados, além do jogo de imagens, que visa ao encantamento do leitor. No entanto, a literatura não se limitou jamais a esse cânone teórico, pois incorporou também uma função pragmática da linguagem, no sentido em que abordou de forma crítica situações que afrontavam os princípios sociais e humanos da civilidade. Exemplos salientes desse tipo de poeta engajado são Pablo Neruda, Bertolt Brecht e Maikovski e, entre os brasileiros, podemos lembrar Ferreira Gullar e Tiago de Mello, entre outros. O que se deve levar em consideração, no entanto, é que o poeta não pode, sob pena de pender para o tom prosaico, deixar de construir o poema com a linguagem metafórica e sugestiva, mesmo que aborde a realidade de forma crítica.

Assim, procede Ronaldo Cagiano. Sabe-se que é de que a linguagem da poesia deve primar-se pela tessitura de uma rede metafórica, com sugestivos significados conotativos, elege um arsenal de metáforas e de figuras de estilo para compor a sua expressão poética. Esse conjunto metafórico, como observa o crítico Adalberto Alves, se ajusta bem aos temas explorados pelo autor. Vejamos alguns exemplos, nesse sentido: “O tempo,/ esse

Continuação na página 7

MOSSORÓ, COMEÇO DOS COMEÇOS (*)

João Almino

Dois fatos marcam minha vida em Mossoró: meu nascimento e a morte de meu pai.

Íamos a pé à catedral, à praça e à feira. Na mesma calçada, ficavam as residências de dois políticos. Digo porque, com 3 anos, ao acompanhar meu pai ao escritório onde era contador, decidi sair sozinho pelas ruas e me perdi. A lojista que me socorreu queria os nomes dos vizinhos, e eu somente me lembrava da mulher de um. Salvou-me que eu soubesse o número de telefone de 3 dígitos.

A casa comprida abrigava parentes que vinham para estudar e consideravam meus pais segundos pais. Eu tinha também uma irmã de criação mais velha que eu chamava de mãe Maria.

No quintal com goiabeira, coqueiro e mangueira, disputava castanhas de caju no jogo com os amigos e do galinheiro saíam vítimas a serem degoladas para o molho pardo e um peru para a ceia de Natal quando não era roubado.

Às noites, meus pais me levavam nas proximidades às casas dos primos, onde sentávamos nas calçadas e de onde me traziam nos ombros, adormecido.

Aos sete anos caminhava só à casa de outros primos, longe, no Alto da Conceição, passando em frente à igreja com marcas de

bala da resistência ao bando de Lampião. Eu ouvia a história de meu pai armado para a defesa e de minha mãe fugindo num trem de mulheres para Areia Branca.

Fui o sétimo filho, com cinco anos menos que a irmã mais nova, Maria José, já falecida, que me salvou do choque quando desmontei o interruptor sobre a cama. Mamãe me teve com 43 anos, todos os 7 nascidos na mesma cama. O primeiro, José, morreu antes de completar um ano. Pedro, 14 anos mais velho e único homem além de mim, veio a assumir o papel de pai.

Meus pais eram tranquilos e tolerantes. A palmatória de madeira era objeto ornamental. Não fiscalizavam o pecado mortal na brincadeira de médico no quarto aos fundos.

Aceitaram que eu substituísse a escola por aulas em casa com minha irmã Salete. Finalmente concordei em ser aluno dela na escola pública, entrando no segundo ano.

De meu pai herdei o nome e o amor pelos livros. Foi autodidata. Aprendeu a ler aos 16 anos e se tornou leitor voraz de História do Brasil, mundial e de santos, além de considerar obras-primas o que eu escrevia aos 9 anos.

Na estante, Graciliano Ramos e José Américo de Almeida. Falava-se de Rachel de Queiroz por ser parente afastada de mamãe, Natália de Queiroz, uma sertaneja. Até os 19

anos tinha morado com meus avós na fazenda do município de Iracema onde passávamos férias, e quase morri com a freama do cavalo em disparada diante da cancela fechada.

Papai me acordava às 5 para acompanhá-lo à feira, onde escolhia o que comprar na volta da missa.

Na parede de casa, Santa Luzia, a padroeira, nos esperava com os olhos numa bandeja.

Eu batizava as bonecas das meninas e dava-lhes a comunhão com as consagradas hóstias de bolacha.

Na quinta série, papai me convenceu a entrar para o seminário por ser a melhor escola. Fiz dois anos. Ouvia histórias de Monteiro Lobato, de um padre holandês sobre suas torturas na China e piadas de outro, brasileiro, que tinha adquirido uma lambreta e fama de namorador, antes de deixar a batina.

No último mês de seminário, após a morte de papai de um câncer não detectado a tempo, cheguei à aula de latim sob o olhar entristecido dos colegas, desabei em choro e passei de cama o resto do dia.

Com 12 anos, três meses depois me mudava com a família para Fortaleza.

(*) *Da série 18 cidades, sobre as vivências do Autor (Revista Pernambuco).*

OS DOIS ÚLTIMOS LIVROS DE POEMAS DE RONALDO CAGIANO

Continuação da página 6

morcego cego/ a nos predar”/ (poema “Memento More”, p. 15, do livro *Cartografia do abismo*); “Máquina de sulcar a pele/ com seus mapas de devastação/ o tempo tudo espregueira/ com suas garras/ de metal e veneno” (poema “Tempos Fugit”, idem, p. 17) idem); “Essa solidão soletrada/ na boca do destino/ trazendo secreções de engano” (p. 27, do mesmo livro *Cartografia do abismo*); “nos canteiros rígidos e estéreis/ onde medra a flor transgênica/ do ódio” (do poema “circo” pp. 82/83 do livro *Arsenal de vestígios*). “A vanguarda do ódio irrompe/ feito um Ganges alucinado e sujo/ toma as praças do meu País/ em furiosa e ca-

nina eloquência” (poema “A vanguarda do ódio” (p. 58, *Arsenal de vestígios*).

A crítica mordaz do poeta rompe fronteiras e encontra eco em outros países, no caso a Argentina, com a menção ao poeta Jorge Luís Borges que, aliás, representa não apenas o país sul-americano, tendo em vista sua dimensão literária universal. É o que se nota no curto poema “Pressuposto” (p. 29), de *Arsenal de vestígios*:

Borges não toleraria enxergar

Nesse tempo de absoluta claridade

Do caos.

Eis, portanto, um poeta comprometido com o seu tempo e com a defesa dos valores fundamentais que ainda norteiam os homens de bem. E um poeta que não se rende a modismos literários, que não coloca sua pena a fazer coro com a “antipoesia” deste momento, como ele faz questão de registrar, no poema “Teoria da abstração” (p. 35, de *Arsenal de vestígios*): “Ou lição do caos/ nunca chame pelo nome/ a antipoesia desse momento”. Um poeta que empunha a palavra afiada contra o que tanto o incomoda e tanto sofrimento e desencanto causa nessa nossa época fatídica.

CAVALO DE PAU

Marcelo Torres

Alceu Valença tem uma música que fala sobre cavalo de pau: “Cavalo doido, por onde trafegas? Depois que eu vim parar na capital, me derrubaste como quem me nega, cavalo doido, cavalo de pau”. A cantiga aqui, contudo, é sobre outro cavalo de pau, porém sob a rédea de outro pernambucano, um que também foi parar na capital.

Era um certo José, que teve em último sobrenome o Silva, como um brasileiro da primeira à última palavra (o nome do meio também é de bicho, mas vamos deixar para dizer no fim). Pois este brasileiro nasceu nas piores condições de sobrevivência, em um bairro periférico do Recife. Ainda estava na barriga da mãe quando o pai fugiu de casa, indo morar no Rio de Janeiro.

Com treze anos já cantava coco e tocava zabumba e trompete — recebendo, por isso, convite da escola da Marinha, na qual ficou dois anos e foi expulso por falta de conduta. Aos quinze entrou escondido em um navio, era uma carga de açúcar, e foi parar no Rio, a então capital federal. Procurou e achou o pai, com quem passou alguns dias, em precária situação de vida.

Após diversos conflitos, foi morar nas ruas, onde pintou o diabo, até conhecer uma namorada, que o levou para casa, no Morro do Cantagalo. Ali voltou à música, fazendo bicos tocando tamborim, mas sempre solto na malandragem, que lhe trouxe muitas passagens pela polícia, a maioria relacionada a substâncias não recomendadas pela Carta Magna.

Saiu do morro e foi morar entre marquises e viadutos, passando seis ou sete anos pelas ruas cariocas. Achou trabalho na construção civil, mas não segurou o rojão da área por muito tempo. “Ou eu saía ou virava uma escada, um tijolo, um saco de cimento”, disse depois, em entrevista ao *Pasquim*. Até que um dia, segundo ele, em contato com uma mãe-de-santo, esta lhe teria dito que seu rumo na vida seria mesmo a música — era esta a palavra da salvação.

Passou a tocar em diferentes grupos que se apresentavam em bares, restaurantes, casas noturnas e em emissoras de rádio. Aos poucos começava a acompanhar cantores famosos, a se enturmar com músicos influentes. Além disso, compunha suas próprias letras. Tantos as suas como as de outros autores, tinham como temas as questões sociais, especialmen-

te das favelas, e a defesa das pessoas à margem da lei.

“Essas músicas que eu canto são de compositores que são servente de pedreiro, camelô, outro tá desempregado, outro limpa o carro da madame e a mulher é a cozinheira”, disse, na referida entrevista. Sua música era politicamente incorreta, porta-voz de pessoas criminalizadas, em situações de conflito com a polícia, especialmente em relação às drogas.

Em *Overdose de cocada*, por exemplo, letra de Ivan Mendon, o refrão defende que “é cocada boa”, “é cocada boa”. Em outra letra, esta de autoria de Regina do Bezerra, que foi sua mulher, o título e o refrão dizem: “Tem Coca aí na geladeira”. Num outro samba, assinado por Neguinho da Beija-Flor, ele canta que “malandro é malandro e mané, mané (podes crer que é)”.

Mas a música que mais o marcaria — letra de Adelzonilton, Popular P. e Moacyr Bombeiro —, começa dizendo: “Vou apertar, mas não vou acender agora, se segura, malandro, pra fazer a cabeça tem hora”. E continua: “É, você não está vendo, que a boca tá assim de corujão, tem dedo de seta adoidado, todos a fim de entregar os irmão, malandragem dá um tempo, deixa essa pá de sujeira ir embora, é por isso que vou apertar, mas não vou acender agora”.

Estamos falando, é claro, de Bezerra, o José Bezerra da Silva, rei da malandragem, voz dos morros e das favelas cariocas, nascido no Recife, de onde saiu aos quinze anos de idade.

Nos relatos sobre sua vida, consta que, por muitos anos, ele frequentou o terreiro de umbanda de Pai Nilo, no município de Belford Roxo, na Baixada Fluminense. Além disso, um dos sambas que ele cantou tinha o título de “Pastor trambiqueiro”. Na letra, assinada por Lúcio Bacalhau, Sarabanda e Tonico Embaixador, dizia-se o seguinte:

*Cuidado com ele,
de terno e gravata bancando o decente,
é o diabo vivo em figura de gente,
é o pastor trambiqueiro, enganando inocentes,
prestem bem atenção,
o enredo macabro que ele arruma,
seu critério maior é falar mal da macumba,
dizendo que a ela também pertenceu,
sim, mas só não foi em frente
porque o guia-chefe do terreiro é à vera,
não aceitou o jogo sujo da fera,
que vive a fim só de arrumação,*

*ele também não explica
o porquê da mudança da água pro vinho,
só porque na umbanda não vale dinheiro,
resolveu ser crente pra roubar os irmãozinhos,
não é fé que ele tem,
é simplesmente a febre do ouro,
custa caro a palavra de Deus,
o pastor chega pobre e arruma tesouro.*

Acontece que ele próprio, Bezerra, quem diria, deu aquele cavalo de pau em sua trajetória, em 2001, quando acabou encontrando Jesus, ou seja, virou evangélico, entrando para a Igreja Universal do Reino de Deus. Converteu-se tanto que, um ano e pouco antes de morrer — em 2005, aos 77 anos —, gravou seu derradeiro disco, intitulado *Caminho de Luz*, catalogado como samba-gospel, porque feito de músicas evangélicas.

Resumo do pagode: pelo que fez, pelo que falou, foi uma grande reviravolta, um cavalo de pau, uma mudança da água pro vinho (ou seria do vinho pra água?). Só que o diabo, com ciúme, fica cantando no nosso ouvido aquele refrão: “Malandro é malandro e mané, mané (podes crer que é)”.

A MOÇA DA JANELA

Teodoro Ramos

Todo início de noite lá estava ela.
Invariavelmente se encontrava ali.
Bem arrumada, aparecia na janela.
E nesse horário nada a afastava dali.

Apreciava o movimento da rua,
E também mirava o céu estrelado.
Pensava qual seria a sorte sua,
Se algum dia teria um namorado.

Às dez da noite fechava a janela.
Naquele dia não teve nada pra ela.
Não pressentia nada ao seu alcance.

Iria descansar e esperar pelo novo dia.
Talvez acontecesse o que ela queria.
Que era conseguir um belo romance.

RUI e MACHADO: a despedida

Fabio de Sousa Coutinho

Uma das mais belas peças de retórica da Literatura Brasileira é a oração de adeus de Rui Barbosa a Machado de Assis. Muita gente boa acha que vem a ser o melhor discurso de despedida jamais pronunciado em nosso país. Ora, direis, ouvir estrelas: era Rui exaltando Machado, ou seja, o notável advogado homenageando a memória do maior escritor do Brasil.

Mas o que disse Rui Barbosa naquela triste manhã de 30 de setembro de 1908, no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro? Inicialmente, o registro da designação da Academia Brasileira de Letras para trazer ao amigo o “coração de companheiros”. A partir daí, uma sucessão de reflexões sobre a existência e a obra de Machado de Assis, ressaltando, porém, que sua vontade era falar “senão do seu coração e da sua alma.” Com efeito, Rui assinala que o grande morto “não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o

joalheiro do verso, o exemplar sem rival entre os contemporâneos da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom”.

E prossegue na tocante reverência a Machado, fixando-o como “modelo de pureza e correção, temperança e doçura; na família, que a unidade e devoção do seu amor converteu em santuário; na carreira pública, onde se extremou pela fidelidade e pela honra; no sentimento da língua pátria, em que prosava como Luís de Sousa, e cantava como Luís de Camões; na convivência dos seus colegas, dos seus amigos em que nunca deslizou da modestia, do recato, da tolerância, da gentileza.

Era sua alma um vaso de amenidade e melancolia.”

Perto de concluir o adeus a Machado de Assis, Rui Barbosa a ele se dirige, vendendo-o a caminho da outra parte da eternidade: “Mestre e companheiro, disse eu que nos íamos despedir. Mas disse mal. A morte não ex-

tingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima.”

A oratória acadêmica de Rui engloba algumas outras pérolas, como a célebre *Oração aos Moços* (discurso na Faculdade de Direito de São Paulo, na condição de paraninfo dos bacharelados de 1920) e o *Elogio de Castro Alves*, por ocasião da celebração dos dez anos da morte do Poeta dos Escravos, em 1881. São passagens extraordinárias da vida nacional, verdadeiros marcos de nossa civilização tropical. Nada, porém, como o *Adeus a Machado de Assis*, um daqueles raros momentos da História em que ela é escrita ao mesmo tempo por quem parte e por quem fica, ambos contemporâneos do futuro.

A propósito de Rui Barbosa, vale sempre lembrar que 5 de novembro, data de seu natalício, é o Dia Nacional da Cultura. Sobre Machado de Assis, creio tratar-se da própria personificação daquilo que ele expressou no poema *Versos a Corina*, da primeira edição (1864) de seu livro *Crisálidas*: “Esta a glória que fica, eleva, honra e consola”.

RIO DO SONO: em busca das memórias perdidas

Adelto Gonçalves

I
Vítima de atos arbitrários tomados pelos militares e seus áulicos depois que assaltaram o poder em 1964, que o levaram a passar longos anos fora do Brasil, Flávio R. Kothe, professor aposentado da Universidade de Brasília (UnB), volta a se inspirar em sua própria vida para escrever vários dos 30 contos que integram *Rio do Sono* (São Paulo, Editora Cajuína, 2023), a exemplo do que fez também em *Crimes no campus: novela de detetive* (São Paulo, Editora Cajuína, 2023).

Em ambos os livros, o autor procura recuperar memórias perdidas, nem todas ligadas à ditadura, como se a literatura fosse uma historiografia inconsciente, ou uma recuperação do ocultado na História. Como exemplo, basta lembrar que, em novembro de 1989, o

autor estava em Berlim quando houve a queda do muro que separava as duas Alemanhas. E que, com as lembranças desse episódio, escreveu *O Muro* (São Paulo, Editora Scortecci, 2016), longo romance histórico sobre o processo de desintegração do socialismo na Alemanha Oriental.

Enfim, uma vida de muitas aventuras e várias desditas. Depois de ingressar na UnB em 1974, foi afastado da instituição ao final de 1977, início de 1978, juntamente com outros professores que lutavam pela criação da Associação dos Docentes. Foi anistiado pela emenda constitucional nº 18, ao início de 1988, quando já estava na Universidade de Rostock, na Alemanha, como catedrático visitante.

Trata-se da mesma emenda que favoreceu o ex-presidente Fernando Henrique

Cardoso. “O problema foi que a Universidade não me recebeu de volta como professor, pois fiquei esperando por cinco anos. E só fui reintegrado em dezembro de 1992, com a ajuda do procurador-geral da UnB, que eu conhecia de Piracicaba, mas não fui “alocado” em nenhum departamento, pois não me queriam de volta”, recorda.

Segundo o professor, ele teve de esperar por quase um ano até ser realocado por decisão do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe). “Quando voltei a dar aula, na segunda semana, uma aluna me chamou a atenção para uma bolsa que havia ficado numa carteira aos fundos. A identidade nela

Continuação na página 10

não correspondia a nenhum aluno matriculado, era de um policial, e havia ainda um revólver dentro”, conta. “Eu estava me sentindo tão ameaçado que entreguei a bolsa na portaria da universidade, como se fosse um objeto esquecido, mas era um recado”, acrescenta. Anos depois, já no governo Dilma Rousseff (2011-2016), recebeu um pedido de desculpas da União, pelas perseguições a que havia sido submetido.

II

Em seu retorno à Universidade, recorda que encontrou má vontade e perseguição também por parte de colegas que haviam coonestado o regime espúrio e estabelecido oligarquias regionais no ensino público. Tudo isso o leitor encontrará em textos que vão prendê-lo pelo enredo, pela magia da linguagem e por personagens que nos parecem familiares.

O título do livro vem desse desfiar da memória, que escorre como um curso d’água, o que levou o autor a optar por essa escolha depois de conhecer o verdadeiro Rio do Sono, que sai do parque estadual do Jalapão e percorre todo o Estado de Tocantins. E ainda dá nome a um hotel em Palmas, capital do novo Estado, criado em 1989, onde ele ficou hospedado por duas ou três semanas, quando foi ministrar um curso de pós-graduação, dentro de um acordo da UnB com a universidade local que se destinava a preparar quadros para a administração estadual.

Isso, porém, não significa dizer que o livro traz apenas relatos autobiográficos porque o autor, tal como um repórter, reproduz com suas palavras o que testemunhou em sua vida nômade, trançando o texto “como a bordadeira faz com fios, o artesão faz com cores no vasilhame, a fazedora de redes faz no trançado”, como se lê no texto de apresentação na contracapa, em que consta também a advertência segundo a qual o que o leitor vai encontrar na obra “não é bem idêntico ao que fez o autor”.

Ou ainda como se pode constatar nas palavras do próprio autor em entrevista que deu, em 5/3/2023, ao jornal *Gazeta do Sul*, de Santa Cruz do Sul-RS, sua cidade natal: “Quando adormecemos, imagens do inconsciente nos visitam, chamam a atenção para o caráter simbólico de cenas e coisas que havíamos olvidado. A maior parte disso retorna ao esquecimento, mas algumas memórias se mantêm, são reelaboradas pela fantasia em novas unidades”.

III

Um dos contos que transmitem ao leitor a dureza – nem sempre confessada – pela qual costumam passar aqueles que se desiludem

com o País e vão buscar melhor sorte no exterior é o que leva o título “Banco de jardim”, texto longo, de 24 páginas, em que o personagem conta um pouco da vida difícil pela qual teve de passar, como se vê neste trecho:

“(…) Tive de trabalhar no que aparecia. Fui servente de pedreiro na Áustria, chapeiro do Mac Donald na França, pizzaiolo na Inglaterra. Cedo aprendi que nesses países eu não tinha alma, não valia nada o que eu havia aprendido em escolas no Brasil. Só tinha o meu corpo para sustentar meu corpo. Fiz um curso de hotelaria e, como era fluente em algumas línguas, consegui emprego em uma rede hoteleira internacional.” (pág. 306).

Sobre este conto, o autor passou para este resenhista que o texto começou como uma espécie de homenagem, mas observou que o importante, no entanto, era delinear dois horizontes diferentes. “Ou seja, um mais conformista, de autoajuda, que não havia tido embates com a repressão e tinha sido aceito pela grande mídia; outro, não apenas marginal, pois não quer ficar apenas à margem, e não apenas marginalizado, pois seria aceitar o mando e o comando de quem ficou e está com todo o apoio do poder, mas que conseguiu suspeitar de um horizonte mais amplo, com voos de condor (ou abutre) sobre abismos”.

O autor lembrou que, neste conto, havia procurado expressar a limitação do primeiro lado nos seus quatro volumes sobre o cânone brasileiro, escritos na solidão de Rostock, enquanto via um mundo se desfazendo e sendo desfeito ao seu redor. “Esse horizonte estrito de expectativa é o que domina a intelectualidade e o público leitor brasileiro. O que é celebrado sempre tem estado dentro desse horizonte. O paradoxo é que isso, que é premiado e aplaudido, não tem nada a dizer que já não tenha sido dito. O problema está, portanto, na liberdade que se abre para os diversos sendeiros ainda não percorridos, onde se pode e se precisa começar a pensar. Exatamente o que não se faz. Em vez de ver nas luzes que por aí estão penduradas, eu vejo alertas de escuridão”, concluiu.

No conto “O pássaro preto”, também é um professor que, em São Paulo, vindo de Berlim, já divorciado, reencontra uma cientista muito reconhecida e que, depois de um novo flerte, desiste do relacionamento, como se vê neste excerto:

“(…) O que mais me tirava o ânimo – se bem me entendem – era a possibilidade de casar. Eu não casaria com mulher capaz de casar comigo. O antídoto da atração não era só o casamento: já havia gente demais na Terra. Eu já estava então casado: com minha tese, pura alma, a que eu tinha de dar corpo. Enquanto

não me divorciasse dela, não me deixaria seduzir por belas curvas e um doce sorriso. Eu era fiel a meu modo. Praticava uma cegueira seletiva: não queria ver o futuro da tese ou o que seria depois. Era uma corrida curta, com barreiras”. (pág. 263).

IV

Já no conto “Dos papéis de Willie”, o personagem principal é um *self made man* com mais de 70 anos, divorciado e abandonado pela família, que já passou por um câncer e vive numa clínica de idosos à espera do desenlace fatal. Enquanto isso, recuperara um pouco de suas memórias, deixando-as registradas em papéis que, depois de sua morte, vão parar nas mãos do amigo que faz uma espécie de preâmbulo para o conto. Eis um trecho:

“(…) Também eu estou tendo de ver a vida a partir da perspectiva da morte. Estou morrendo aos poucos. Meus pais – e digo pais e não meu pai – não mereceram o filho que tiveram em mim. Não estavam à altura de sua tarefa. O meu destino era ficar capinando na roça, sendo açoitado como um escravo. O que me salvou foi um padre que me indicou para o seminário católico, onde fiquei estudando até ingressar na faculdade pública. Meus pais fizeram o melhor possível: não atrapalharam”. (pág. 101).

Ao procurar explicar a gênese de seus contos, Kothe lembrou ainda que uma tese antiga é que a grande obra precisa surgir a partir do horizonte instituído, mas indo além dele. “Quando procuro relatar histórias pouco ou nada contadas, quando falo da repressão da ditadura, esse é apenas um aspecto da questão”, ressaltou. “Acho que a literatura tem condições de sugerir reflexões que o ensaio em geral não consegue. Não é qualquer obra que aparece por aí ou até consegue ser premiada. É uma obra para raros. Vai demorar que seja percebida como tal. Ela como que vai ter de criar o seu próprio público”, acrescentou.

Para o autor, se o jornalismo vive da notícia imediata, a literatura não: “Ela vive do olvido do fato imediato, para buscar aquele núcleo em que se entrecruzam vivências e reflexões, para permitir que saíamos do nosso imediato”. Por aqui se constata, de maneira ainda mais clara, o olhar do ficcionista, que enxerga além das aparências e procura, como um fotógrafo, retratar os mistérios insondáveis da alma. E tudo com fino humor e sutil ironia. Por isso, não é de mais enfatizar, não irá se arrepender quem se aventurar a ler estes contos. Pelo contrário. Só terá a ganhar em experiência de vida.

Os Becos da miséria de Conceição Evaristo

Vera Lúcia de Oliveira

“A favela é a nova senzala”.

Lobão

Quando Filó Gazogênia estava quase atravessando a última porta deste mundo, teve um misto de dor e prazer. Com o corpo sem carnes, “quase vazio de vida”, olhou a lata, também vazia, de “gordura de coco carioca” e teve muito, muito ódio. “Gordura e a vida tão magra!” Magreza dela, magreza do quarto, magreza da vida.

Filó Gazogênia é uma das personagens de *Becos da Memória* (RJ: Pallas, 3. ed., 2017), de Conceição Evaristo (1946-...). Nessa passagem dolorosa de sua travessia, a autora consegue o que nenhum ensaio ou documentário sobre a miséria dos pobres conseguiu: atingir o *páthos*. Isso porque, observou Aristóteles, só convence quem está tomado de paixão. E é o que temos no romance, paixão e verdade.

Os personagens são muitos: “Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela.” (p. 17), diz o narrador. Todos diferentes, mas iguais no denominador comum da pobreza. São filhos do descaso de um país que, vergonhosamente, passa o trator como recurso de eliminar as favelas, que tanto “enfeiam” as grandes cidades... São a coroa de espinhos de Cristo, como disse o papa Paulo VI quando de sua visita à cidade de São Paulo. E é em uma favela de Belo Horizonte, cidade natal da preta, mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada, Conceição Evaristo, que se passa o seu romance. E que romance!

Becos da Memória faz o leitor acompanhar o dia a dia dos moradores de uma favela na iminência de ser desocupada e transferida para local distante, o que revolta seus habitantes. Se a vida nesse lugar já era difícil, quase impossível de se suportar, o que fariam na mais longínqua periferia? Como chegar ao trabalho na cidade vivendo no fim do mundo? Todos estavam injuriados com a ordem do governo de transplantar a favela. Sim, seria apenas tirada de um lugar e jogada em outro,

com perdas para eles, tão pobres, que já não tinham sequer o mínimo para sobreviver.

Conceição Evaristo emociona o leitor com sua prosa elegante, poética, literária e o leva pela mão a adentrar os barracos em que homens, mulheres e crianças faziam as quatro operações matemáticas: somavam dívidas e problemas, diminuía a saúde e os dias de vida, dividiam a pouca comida e as camas e multiplicavam-se como coelhos. Só não sabiam multiplicar os pães, pois lá milagres não aconteciam.

Com habilidade na arte de contar histórias, a autora alterna a narração entre terceira e primeira pessoa dando voz a uma personagem que diz que gostaria de escrever a história dos becos em que viviam os familiares e amigos – todos pretos e pardos. E escreveu. Essa é Maria-Nova, menina inteligente e estudiosa que aprende na escola sobre casa-grande e senzala e entende que mora na senzala-favela; observa a vida passar sob seus olhos enquanto o lobo mau não vem: os tratores que chegam, derrubam, aplainam a terra e não deixam pedra sobre pedra. Terra arrasada. Maria-Nova é aquela flor feia do poema de Drummond que fura o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio. E resiste.

Mais que o assunto – a desfavelização –, a riqueza (e beleza) do livro está nos personagens. Todos interessantes, a começar por seus nomes: Bondade, o homem de coração de ouro que ajudava a quem precisasse, conhecia todas as misérias da favela; Tio Totó, que perdeu tragicamente duas famílias e não sabia como encontrara força para seguir adiante com serenidade: mas “Totó era homem duro. Não morria por qualquer coisa. Talvez nem fosse de morrer.” (p. 29); Maria-Velha, que “também já tinha uma larga e longa coleção de pedras. Já vinha também de muitas dores (...)”. (p. 29). Vó Rita, que gostava de dormir embolada com a amiga, a Outra, assim chamada por Maria-Nova, a observadora. Tinha o bando de homens-vadios-meninos, os furtos e as brigas. Tinha Nega Tuína, o Negro Alírio, que tinha o coração maior que o mundo, pois nele

tudo cabia, o sonho, o amor e até Dora; tinha a Ditinha, que vacilou atraída pelo brilho de uma esmeralda e amargou a prisão. Tinha Jorge Balalaika, invejado porque comia retalhos de carne-sebo-gordura (trabalhava em um açougue). E muitos, muitos mais! A favela era um pequeno monstro que não parava de estender seus tentáculos ameaçando os vizinhos ricos; era um formigueiro vivo movendo-se incessantemente nos becos apertados à procura talvez de uma saída...

Mas nem tudo era sofrimento: havia os fins de semana em que os homens se encharcavam de cachaça, as festas juninas e as rezas com alguma comida. E o samba.

O samba, o som, a alegria voavam alto. Era preciso cantar! Abriam a boca tão escancaradamente que se viam falhas de dentes e os já apodrecidos. O hálito de cachaça vinha quente de dentro de alguns. Havia risos e sorrisos bonitos ali. Não eram dentaduras alvas, certas e limpas que enfeitavam o riso. O sorriso-ribo era bonito porque vinha lá de dentro, vinha da inocência, da ilusão de estar sendo feliz. Todos acreditavam que estavam sendo felizes. (p. 72).

Nessa comovente história dos excluídos, Conceição Evaristo mostra (sem pieguice) a situação de uma gente que parece brotar nas cidades grandes como por geração espontânea, que chega para incomodar a digestão bem-feita dos contentes. De onde essa gente vem? São cidadãos brasileiros? Sim, mas andarilhos infelizes em sua terra natal, carregando o peso e o estigma da escravização de seus antepassados.

Entretanto, nem tudo está perdido, pois, em meio à escuridão e violência da pobreza, brilha uma pequena chama nos olhos da menina preta, comprida e magrela que sonha com um novo dia em que o sol vai brilhar e a escuridão vai desaparecer. É Maria-Nova, porta-voz da esperança – não o bichinho verde, mas aquela que nos sustenta no dia a dia, como disse lindamente Clarice Lispector.

GLAUBER VIEIRA FERREIRA

NA AVENIDA

Dirigia o carro pela avenida quando subitamente se esqueceu de onde estava e para onde seguia.

Manobrou para a faixa da direita e seguiu um pouco mais devagar. Poucos segundos depois, lembrou-se do que precisava.

Recordou-se, então, dos pais, vítimas do Alzheimer, que o olhavam como se um desconhecido fosse.

Ao lado, seu filho de três anos dormia candidamente, sem imaginar o que ocorrera minutos antes.

Parou o veículo no acostamento. E chorou.

MORTE

Recebeu a notícia da morte do marido pelas vozes de dois colegas de trabalho.

Homem rude, machista, ciumento.

Vítima de um acidente de carro.

Abraçou chorando os mensageiros.

Compreensível, pensaram os dois.

Mas na sua mente, o pensamento: “estou livre!”.

SOLTEIRO SIM, SOZINHO TAMBÉM

Após sair de casa pelo fim do casamento, saiu com os amigos para o bar da moda.

Dançou, riu, bebeu, paquerou.

Nas primeiras horas da manhã, sobraram cheiro de álcool e de cigarro, miríades de perfumes, lembranças de conversas e de olhares furtivos.

E uma vontade imensa de voltar pra casa.

NOÉLIA RIBEIRO

DEPOIS DO CAFÉ

Não faz sentido
a carta de indagações
Para quê?
Sobre a mesa
o livro desconhece
ensinar caminhos
os óculos nem desconfiam
inaugurar a visão
o café não imagina
ser o ímpeto de escrever
a carta

Desútil palavra escrita
a nos descortinar

ENVELHECENDO

Os buracos no tecido do
toldo de papel de padaria
são os olhos
da tartaruga hipnotizados
pela coreografia do tempo

As janelas estão abertas

A tartaruga com fome de
pão e fé gesticula minimamente

O tempo não olha para trás
Segue estoico hirto indiferente